

O SENTIDO DO TERMO MISERICÓRDIA EM JOÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE JO 5,1-9

Vilson José da Silva*

Resumo

A misericórdia é apenas um sentimento ou tem um “algo” a mais? Tendo este questionamento como pergunta norteadora, o presente artigo propõe-se a fazer o estudo do termo “misericórdia”, partindo desde a sua compreensão na Grécia antiga, passando pelos textos do Antigo Testamento, bem como pela tradução que a Septuaginta fez deste, até chegar aos escritos do Novo Testamento, para os quais o termo recebe um significado novo. Este significado novo não está ausente na literatura joanina. Por isso, apresentamos como objeto de estudo a perícopie delimitada em Jo 5,1-9, porque vemos na referente perícopie uma alusão clara à ação misericordiosa de Jesus. Ali Jesus volta seu olhar para enfermo isolado na piscina de Bethesda, restitui-lhe a dignidade, tornando-o são a partir da força de sua Palavra. Assim, toda a ação transcrita nesta relação dialógica entre o enfermo e Jesus, à luz da exegese, apresenta-se em conformidade com o sentido do termo misericórdia, mesmo que João não faça uso em nenhuma parte de seu Evangelho do termo propriamente dito.

Palavras-chave: Misericórdia. Evangelho de João. Paralítico. Bethesda. Lei. Sábado.

Abstract

Mercy is only a feeling or there is something more? Having this questioning as the guiding question, the present article proposes to study the term “mercy”, starting its comprehension in the Ancient Greece, passing through the Old Testament, as well as the translation Septuagint did, until the writings from the New Testament, the term gets new meaning. This new meaning is not absent in the johannine literature. Because of that, we present as the object of study the periscope bordered in Jo 5,1-9. We do

* Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-Rio.

that because we see in the mentioned pericope a clear reference to Jesus' merciful action when he turns his eyes to the sick who was isolated in that pool in Bethsaida, restores his dignity, making him sound from the strength of his Word. Thus, all the action transcribed in this dialogical relation between Jesus and the sick, in the light of the exegesis, is presented in accordance with the meaning of the term mercy, even if John does not use it in any part of his Gospel.

Keywords: *Mercy. John's Gospel. Paralytic. Bethesda. Rule. Saturday.*

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar o estudo sobre o tema da misericórdia, tendo como referência o livro de João, com uma análise específica sobre a perícopa delimitada em Jo 5,1-9. Neste texto, apresenta-se a narrativa em que Jesus, por força de sua palavra, cura o enfermo que há trinta e oito anos jazia isolado em sua enfermidade, na piscina de Bethesda. Ao ver este homem, em meio aos demais que ali se encontravam deitados pelo chão, Jesus volta o seu olhar para ele. Seu olhar revela, da parte de Jesus, uma sensibilidade em perceber que este precisava mais do que os outros de um gesto de misericórdia. Assim, sem usar o termo misericórdia, o autor do Evangelho de João relega para nós a força semântica do termo, isto é, o seu sentido mais profundo. Ao tomar a iniciativa e ir ao encontro do outro.

Ao lermos a Sagrada Escritura, percebemos que o povo que a escreveu fez a experiência de que Deus age com misericórdia, e vê nele o Deus da misericórdia. Vê em Jesus o Deus da compaixão, que não se cansa de manifestar o seu amor misericordioso para com seu povo, mesmo quando este não lhe é fiel.

Sabemos que esta compreensão perpassa toda a Sagrada Escritura, mas possui nuances diferentes tanto no Antigo Testamento (AT) como no Novo Testamento (NT). Por isso, este artigo quer apresentar como reflexão o sentido do termo Misericórdia no Evangelho de João. No entanto, é preciso dizer inicialmente que os termos gregos que correspondem à “misericórdia” ou “compaixão”, enquanto tais, não são empregados pelo evangelista João em nenhuma das vezes. Mesmo não sendo utilizados por João, encontramos em seu Evangelho a força semântica do termo, pois os termos, quando empregados pelos sinóticos, referem-se sempre ao comportamento de Jesus caracterizando o seu agir divino, elemento que não está ausente no Evangelho de João.

Assim, podemos nos perguntar: O que significa misericórdia? É apenas um sentimento ou “algo” a mais?

A resposta a estes questionamentos encontra-se na análise linguística. De acordo com a filologia, o termo misericórdia é expresso no grego antigo, anterior

àquele usado no NT, com o vocábulo *splángxna*, tendo este vocábulo o significado literal e exclusivo para referir-se às entranhas da vítima sacrificada, isto é, as vísceras, que correspondiam ao fígado, ao pulmão, aos rins e ao coração. Porém, esta conotação podia também ser usada no sentido antropológico para indicar as entranhas do homem. Mas, como em toda língua há um processo natural de evolução, constatamos que no texto hebraico, quando foi traduzido para o grego da setenta (LXX), o termo *raḥamîm* foi expresso com o vocábulo *splángxna*, porém não mais significando “vísceras”, mas como o lugar do sentimento (Pr 12,10)¹. Isto é, não mais da oferta, mas do ofertante, do íntimo do ser humano, daquele que é responsável pelo gesto ou ação.

Portanto, acompanhando esta evolução, quando no NT foi escrito o termo “misericórdia”, este recebeu um sentido próprio, de modo que, quando se diz em 1Jo 3,17: “Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha o coração (*splángxna*), como permanecerá nele o amor de Deus?” Ao que se conclui que o termo não é usado no NT da mesma forma que na literatura grega antiga, como as entranhas do homem, a sede do sentimento, mas indica o coração como o centro do agir misericordioso; ou seja, no NT, misericórdia é sinônimo de amor, porém não como uma virtude, mas o amor enquanto experiência concreta².

É a partir do significado do amor como experiência concreta que queremos propor este estudo da misericórdia no Evangelho de João, sugerindo como reflexão a narrativa da cura do paralítico de Bethesda (Jo 5,1-9). Pensamos que este texto pode ajudar em uma reflexão, pois se considerarmos o nome do lugar com a grafia Bethesda³ a tradução será “casa de misericórdia”.

Portanto, propomos esta reflexão mais ampla levando em consideração também a interpretação que o Papa Francisco⁴ deu ao termo misericórdia: toda a ação em que o maior se inclina para o menor, com a finalidade de ajudá-lo na sua fragilidade. Neste sentido, qualquer texto que se referir a um “favor” feito por Jesus, pode ser posto no campo semântico da misericórdia.

1. KÖSTER, H., *Splangxizomai*, p. 903-914.

2. KÖSTER, *Splangxizomai*, p. 923-929.

3. Importantes manuscritos trazem o nome do lugar com outras grafias. Há manuscritos que apresentam o termo com a grafia *Bethzatha* a qual pode ser uma forma corrupta de *Bêt Hadaš* cuja tradução seria “casa nova” ou “cidade nova”. Há manuscritos que apresentam *Bethsaida*, mas esta é provavelmente uma harmonização referente ao nome da cidade já mencionada em Jo 1,44. E há *Bethesda* que parece ser uma modificação introduzida por causa do significado do nome *Bêt Heseđ*, “casa de misericórdia”. De acordo com Metzger, a grafia *Bethzatha* é a mais difícil e parece ser a original (METZGER, B.M. *Um comentario textual al nuevo testamento griego*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006, p. 178). No entanto, decidimos por manter a grafia *Bethesda* acompanhando os autores pesquisados e em relação ao significado do nome.

4. FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. O Rosto da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

2. Apresentação do texto de Jo 5,1-9⁵

¹Depois disso, subiu Jesus para Jerusalém, (pois) era a festa dos judeus. ²Existe em Jerusalém, junto à [porta⁶] das ovelhas uma piscina chamada em Hebraico Bethesda, tendo cinco pórticos. ³Naquele lugar (estavam) uma multidão dos doentes: Cegos, paralíticos e ressequidos [...⁷]. ⁵Estava, pois, naquele lugar, certo homem isolado em sua enfermidade há trinta e oito anos. ⁶E Jesus, vendo-o deitado e sabendo que já havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? ⁷Respondeu o homem enfermo: Senhor, não tenho um homem (ninguém) para lançar-me na piscina, quando a água (é) agitada, pois quando eu vou, outro desce antes de mim. ⁸Disse-lhe Jesus: ergue-te! Pega a tua padiola e caminha. ⁹E imediatamente o homem tornou são e pegou a padiola dele e caminhou. Era, pois sábado aquele dia.

3. Análise exegetico-teológica

3.1. Circunstância e situação

Houve uma festa dos judeus. Mas qual festa? Seria a festa da Páscoa (Jo 6,4), das Tendas (Jo 7,2.37) ou da Dedicção (Jo 10,22)? Conforme alguns críticos é quase impossível nomeá-la, pois parece ser intencional, da parte do autor, não dizer qual é a festa, mas ratificar que é dos judeus. Portanto, uma festa organizada e controlada pelos dirigentes, de modo que a denominação é dada por quem não participa dela, não é a festa do povo⁸. E, mais grave ainda, é uma festa que exclui certas categorias de pessoas.

Essa exclusão está fundamentada na Lei, pois, de acordo com o Levítico, nenhuma pessoa que apresentasse qualquer defeito podia se apresentar diante do Senhor ou ser seu sacerdote (cf. Lv 21,17-19). Também o livro de Samuel aponta para a proibição de uma pessoa, cega ou aleijada, frequentar o templo (cf. 2Sm 5,8). Deste modo, ao descrever que o Paralítico se encontrava em Bethesda, portanto, não no Templo, o autor do Evangelho de João relega para esta personagem a personificação de todos aqueles que não eram favorecidos pela Lei

5. Tradução própria.

6. O autor do Quarto Evangelho omite o substantivo “porta”, deduz-se esta expressão mediante o texto de Ne 3,1; 12,39.

7. Os versículos 3b-4 são omitidos por importantes manuscritos do século II e IV e foram, provavelmente, acrescentados por alguém que desejava atribuir a agitação da água do v. 7 a uma intervenção divina, assim, nós optamos pela omissão, mas o texto seria “^{3b}esperando o borbulhar da água. ⁴Pois o Anjo do Senhor descia, de vez em quando, à piscina e agitava a água; o primeiro, então, que aí entrasse, depois que a água fosse agitada, ficava curado, qualquer que fosse a doença” (METZGER, *Un comentario textual al nuevo testamento griego*, p. 179).

8. MATEOS, J.; BARRETO, J. *O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 257.

e principalmente pelas autoridades judaicas, os quais apresentavam, por sua vez, uma imagem de um Deus excludente que se limita a separar-se do povo. Imagem revogada pela ação de Jesus, ao estabelecer uma nova forma de relacionar-se com tais pessoas.

“Naquele lugar, jaziam deitados pelo chão numerosos doentes” (Jo 5,3) e em sequência descreve a situação destes: cegos, paráliticos e ressequidos. É interessante perceber que o homem curado faz parte da categoria dos doentes, mas o autor do Evangelho não diz qual é a sua doença. Nós é que presumimos ser ele um paralítico, devido à expressão “Pega a tua padiola e caminha” (Jo 5,8), semelhante à que se encontra em Marcos 2,1-12, no qual o milagre realizado por Jesus tem como destinatário um paralítico.

3.2. *A simbologia da água*

É interessante notar que tanto a água das purificações judaicas, conforme a narrativa das bodas de Caná (Jo 2,1-11), como a água do poço de Jacó, na narrativa da Samaritana (Jo 4,1-42), pode representar a instituição judaica em sua ineficácia, assim como a água presente na piscina de Bethesda, pois aquela que deveria curar não cura, não está cumprindo a sua função. Eis a contradição: existe uma água que deveria curar, mas o “paralítico” está naquela situação há trinta e oito anos⁹. Os padres da Igreja Teófilo de Antioquia e Agostinho de Hipona interpretaram a água da piscina de Bethesda (cf. Jo 5,2-18) com os seus cinco pórticos como símbolo que prefigurava o povo Judeu e a lei de Moisés¹⁰. Do mesmo modo, há autores modernos que interpretam como sendo a Torá que prometeu a vida aos homens, mas a tradição evangélica conhece os publicanos e pecadores para os quais ela nada fez¹¹. A tal interpretação caberia uma pergunta: Ela nada fez ou não houve da parte dos que se encontravam nessa situação uma predisposição? Isto é, não fez uso dos meios de graça oferecido pela Torá. Por isso, a pergunta de Jesus ao enfermo: “Queres ficar curado” (Jo 5,6), dá a entender que é preciso uma predisposição.

Outro detalhe em relação à água é a sua agitação, mencionada pelo enfermo ao dizer que ele não tinha um homem/ninguém que o fizesse descer, quando ela

9. Pode ser uma alusão ao tempo em que o povo passou no deserto, conforme o texto do Deuteronômio, em que diz: “a travessia de Cades Barne até o ribeiro de Zareb durou 38 anos” (cf. Dt 2,14-17), mas segundo Ex 16,35; Nm 32,13; Js 5,6, entre outros textos, a permanência no deserto foi de 40 anos. Portanto, o mais seguro é dizer que este homem estava ali há quase uma geração e nada era ou foi feito por ele, tendo assim um fim sem esperança.

10. PANIMOLLE, S.A. *L'evangelista Giovanni*. Pensiero e opera letteraria del quarto evangelista. Borla: Roma, 1985, p. 376.

11. DODD, C.H. *A interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 416-417.

era agitada. É interessante observar que o termo empregado pelo evangelista João é *tarasso*, no entanto, tal expressão é utilizada pelos textos do NT para se referir à agitação de grupos de pessoas ou os tumultos causados por estes, como percebemos nos seguintes textos: “Assim agitaram *etáraksan* a multidão e os politarcas [...] (At 17,8). [...] para lá igualmente se dirigiram, para agitarem *tarassontes* e perturbarem a multidão (At 17,13). Entretanto, para falar da agitação enquanto fenômeno da natureza, os textos do NT geralmente utilizam-se do termo *saléuō*: “[...] que foste ver no deserto? Um caniço agitado (*saleuómenon*) pelo vento” (Mt 11,7)? Assim, é possível pensar que “a agitação da água” representa a ilusão do povo oprimido de encontrar remédio em agitações populares, que não levaria à verdadeira libertação¹².

3.3. Jesus, vendo-o

É Jesus quem toma a iniciativa, ele vê aquele enfermo em específico no meio da multidão de doentes – nos sinóticos a ação misericordiosa de Jesus é sempre precedida pelo verbo ver (*oráō*, cf. Mt 9,36; 14,14; Mc 6,34; Lc 7,13; 10,33; 15,20). É o que acontece também no presente caso. Além do mais, este doente nem nome tem. É apenas retratado com a expressão um homem (*ánthrōpos*) (cf. Jo 5,5.9), identificado também como enfermo (*asthenéia*) (cf. Jo 5,5.7). Nem mesmo a sua doença é diagnosticada, mas é para este homem que Jesus olha, embora houvessem outros doentes que estavam no mesmo lugar, também dignos de compaixão. O evangelista João os nomeia sequencialmente a partir de seus males: “cegos, paralíticos e ressequidos” (cf. Jo 5,3).

Por que Jesus o vê na multidão e não vê aos outros? Parece que o autor quer dar destaque ao tempo em que este homem anônimo jazia em sua enfermidade mais do que dizer que Jesus não viu ou que ignorou os outros. Poderíamos também pensar em referência ao lugar. Se a grafia do lugar for Bethesda, “casa de misericórdia”, aquele lugar não estava cumprindo com a sua finalidade. Mas, a partir da ação de Jesus, presenciou de fato a misericórdia, pois Jesus olha para o mais fraco¹³. Com esta ação, revela a presença de Deus junto ao povo. Uma presença que recorda que o seu agir é gratuito, não é por nossos méritos, é dom, é fruto de suas entranhas de misericórdia.

Portanto, poderíamos ser levados a pensar que havia inúmeros enfermos (excluídos) naquela sociedade e em nossa sociedade (devido à lógica humana), mas há quem precise mais, há aqueles que necessitam da preferência e de um ir ao encontro, tomar a iniciativa, assim como fez Jesus ao dizer: Queres ser curado?

12. MATEOS; BARRETO, *O evangelho de São João*, p. 249.

13. MAGGIONI, G. O Evangelho de João. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 328.

Ou seja, ter a sensibilidade de ver, mas também de resgatar a dignidade, de fazer algo em favor de alguém, como Jesus faz ao dizer: “ergue-te! Pega a tua padiola e caminha”. De fato, a misericórdia e a compaixão tornam-se realidade somente quando se transformam em gestos concretos. Do contrário, são apenas comoção ou sentimento de dó.

3.4. Não tenho um homem (ninguém) que me faça descer

O texto diz literalmente que o homem está isolado (*ekéi*), estando deitado (*katakéimenon*) como os outros pelo chão. Ao dizer que está isolado, reforça a ideia de que não há ninguém por ele. Como expressa na sequência, outros, com males diferentes, poderiam e conseguiriam chegar antes que ele. No entanto, sua exclusão é tanta que ele não consegue ver Jesus. Por isso pensa que não há quem possa tirá-lo daquela situação.

A expressão “não tenho ninguém”, literalmente, deveria ser traduzida por “não tenho um homem”, pois o texto diz: *ántrôpon ouk éxô* (cf. Jo 5,7). Isso nos faz lembrar a narrativa do evangelista Marcos, na qual o paralítico tem a seu favor quatro homens (cf. Mc 4,3), que o colocam diante de Jesus, abrindo o teto da casa, para que pudesse chegar mais próximo a Jesus¹⁴. Assim, da narrativa de João podemos deduzir: aquele *homem/enfermo* (cf. Jo 5,5) não tem *homem/ninguém* (cf. Jo 5,7) que lhe seja favorável, que veja sua necessidade e tenha misericórdia para com ele, tirando-o daquela situação indigna. Jesus apresentase como o verdadeiro *Homem* que o pode ajudar. Mas o paralítico não consegue compreender que este Homem é o que está diante de si.

Portanto, o enfermo pode – como interpretaram os padres antigos e os exegetas modernos – estar preso em uma esperança de cura que venha da Torá e não reconhece, mesmo chamando Jesus de Senhor (*kýrie*)¹⁵, que Jesus é, de fato, o Senhor (o Messias, o Filho do Homem), que não precisa da água e nem da piscina, pois Ele é a própria água viva, conforme apresenta a narrativa do diálogo de Jesus com a Samaritana: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te diz: dá-me de beber, tu é que lhe pedirias e Ele te daria água viva” (cf. Jo 4,10), ou como no seu discurso no último dia da festa das tendas: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba, aquele que crê em mim! Conforme a palavra da Escritura: “do seu seio jorrarão rios de água viva” (cf. Jo 7,37b-38).

14. BROWN, R. *El Evangelio según Juan*. Madrid: Cristiandad, 2000, v. 1, p. 455. LAGRANGE, M. *Evangile Selon Saint Jean*. Paris: Librairie Lecoffre, 1947, p. 137.

15. Tal expressão tem neste contexto um significado simplesmente cordial e não de messianismo (BARRET, C. K. *El evangelio según san Juan*, Madrid: Cristiandad, 2003, p. 383).

3.5. *Levanta-te! Toma tua padiola e caminha*

Na narrativa transparece a força criadora da Palavra (*dabar*), assim como no Gênesis, Deus, por meio de sua Palavra, dá existência a todas as coisas (Gn 1,1-31), o evangelista João, apropriando-se desta teologia, apresenta a força criadora da Palavra na ação curativa de Jesus. É pela Palavra de Jesus que este homem recebe a cura.

Sua cura não foi acompanhada de nenhum gesto físico (toque, saliva, barro), não necessitou de nenhuma manifestação de fé, nem daquele que se beneficiou dela, nem dos que estavam ao seu redor, como percebemos na narrativa do evangelista Marcos: “e vendo Jesus a fé deles” (Mc 2,5). Mas, tanto em Marcos como em João, a cura aconteceu depois do imperativo “levanta-te!”

Esta ordem dada por Jesus e obedecida pelo enfermo tem um significado que vai além de um simples pôr-se de pé, de um gesto mecânico ordenado pela razão. Ao fazer uso da forma verbal *égeire*, o evangelista João nos induz a pensar que este homem fez a experiência da ressurreição (passar da morte para a vida), pois este verbo é o mesmo utilizado em outro texto de João, para expressar a realidade da Ressurreição de Cristo. “Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos, depois de ressuscitado (*egerthèis*) entre os mortos” (Jo 21,14).

É claro que existem outros termos para referir-se à ressurreição nas narrativas do NT, como: *anístēmi* e *anástasis*, conforme a narrativa de Mc 16,9, onde lemos: *anastás dé prói prôtē sabbatu*, “tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia”. No entanto, o termo *anastás* também quer expressar o gesto voluntário de uma pessoa em pôr-se de pé, e sempre está relacionado com outra ação. Como lemos nas narrativas a seguir: “Mateus que se *levantando*, o *seguiu*” (Mt 9,9); “Jesus que se *levanta e retira-se* para um lugar deserto” (Mc 1,35); “Pedro que se *levanta e corre* ao túmulo” (Lc 24,12)¹⁶.

As cartas Paulinas (cf. 1Cor 15,42-44; Ef 5,14) nos ajudam a entender a força semântica do termo *égeire* utilizado por João e comprovam esta peculiaridade, uma vez que, para se referir à ressurreição dentre os mortos, utilizam-se deste termo. Deste modo, vemos que o ato de levantar-se do paralítico representa a experiência de uma nova vida, uma vida não mais condicionada por ritualismos, mas de alguém que fez a experiência daquele que é a Vida, como bem expressa o evangelista João quando diz: “Eu sou a ressurreição e a vida, diz Jesus” (cf. Jo 11,25).

3.6. *Era, pois, sábado aquele dia*

O autor faz questão de ressaltar que a ação de Jesus acontece em dia de sábado, portanto, no dia do descanso, conforme a tradição judaica (cf. Ex 20,8-11;

16. Grifo nosso.

Dt 5,12-15), dia que devia ser observado na sua integridade, isto é, ser guardado. Estes dois textos do Pentateuco mostram o quanto o sábado era importante para o povo de Israel. Alguns detalhes destes textos nos ajudam a entender a dinâmica do conflito com os mestres da lei após a cura realizada por Jesus. É que o mesmo preceito podia ser visto a partir de uma perspectiva restrita ou de uma perspectiva mais ampla.

O texto do Êxodo diz: “Nenhuma pessoa da família, nem escravos, estrangeiros hospedados na casa de um judeu e animais poderiam trabalhar neste dia, pois este dia era abençoado e consagrado pelo Senhor” (cf. Ex 20,8-10). Neste texto o autor sagrado tem presente o *relato da criação*, no qual no sétimo dia Deus descansou (cf. Ex 20,11; 31,17; Gn 2,2-3). Por sua vez, e não de modo contraditório, o livro do Deuteronômio apresenta a lei do sábado com a perspectiva de resguardar a necessidade do descanso, mas enfatiza que este deve ser observado como memória da *libertação/redenção* do povo que era escravo (Dt 5,15).

Deste modo, notamos que as duas narrativas referentes ao *šabbat* servem de respaldo jurídico para as ações de Jesus. De fato, quando os mestres da lei acusam Jesus de ser um transgressor da Lei, o fazem partindo do princípio legalista (sentido restrito: está na Lei). Jesus, porém, faz valer o sentido da Lei, de modo que o sábado é vivido por Jesus como o dia da nova criação e da libertação. Por isso, para Jesus a Lei não pode ser um obstáculo para a vida; a Lei não pode privar a pessoa de se beneficiar com este dom, que lhe restitui a dignidade e a recoloca no convívio social.

Portanto, Jesus age não olhando para um preceito, mas em vista da cura que acontece em função da vida em sua totalidade. Assim sendo, para Jesus, a misericórdia não tem hora e nem dia marcado para acontecer. Ela é realizada por causa do valor e importância que tem a vida humana.

Considerações finais

Na tentativa de atualizar o texto de João queremos propor como reflexão três situações que podem incidir diretamente em nossa realidade/existencial: a liberdade de Jesus em relação à Lei; a disposição daquele que foi beneficiário da cura e o modelo de sociedade.

Muitos de nós pertencemos a uma instituição religiosa/eclesial ou, na melhor das hipóteses, ocupamos dentro dela um cargo de liderança ou um posto hierárquico na mesma. É válido lembrar que o gesto de Jesus para o paralítico e muitos de seus gestos em favor de alguma pessoa foram realizados em ambiente institucionalizado (Jerusalém, no Templo ou próximo a ele). O que nos remete a um questionamento: De modo geral, aqueles que representam o sagrado ou a instituição eclesial são vistos pelas pessoas como a própria instituição, com toda a sua amplitude (humana e divina). Portanto, podemos nos perguntar: que

rosto de Deus as nossas instituições manifestam? Uma instituição movida pela lei rígida ou movida pela capacidade de perceber a necessidade de romper com certos modelos legalistas, mesmo com fortes críticas, como acontece com Jesus na sequência da narrativa?

Olhando para nossas fragilidades humanas, nem sempre reconhecemos ou conseguimos ver que a graça de Deus age em nós. Jesus perguntou ao enfermo: “Queres ser curado”? Parece ser uma pergunta ingênua e sem sentido, pois se ele estava ali, naquele lugar, é porque queria ser curado. Mas não é uma pergunta ingênua, pois o autor insiste que é necessário um querer, enfatizado no levantar-se, após o imperativo da ordem: “Pega a tua padiola e caminha” (Jo 5,8). Assim, podemos estar em situação de fragilidade, mas fechados à misericórdia de Deus e dos irmãos. Deste modo, acreditamos que o texto também nos interpela: Ter consciência que precisamos abrir-nos para a graça de Deus que, também, se manifesta por meio dos que nos circundam e estão próximos a nós. Pois a misericórdia de Deus passa pelo agir humano.

Outro questionamento que poderíamos fazer é: Assim como na sociedade do tempo de Jesus, na sociedade atual manifestam-se sinais de clara exclusão. Levando em consideração que a misericórdia não é apenas um sentimento, mas um agir, levanta-se a questão sobre o nosso papel na sociedade. Somos meros espectadores das exclusões ou também as provocamos? Em nossas relações sociais, como os outros são vistos por nós? São respeitados em sua dignidade ou permanecemos indiferentes diante deles?

O texto que tentamos analisar contém vários elementos que levam a refletir sobre o agir misericordioso de Deus e sua ação na história da humanidade. Os gestos concretos de Jesus continuam sendo desafios a serem vividos, tanto a nível pessoal quanto a nível institucional.

Referências

- BARRET, C.K. *El evangelio según san Juan*. Madrid: Cristiandad, 2003.
- BROWN, R. *El Evangelio según Juan*. Madrid: Cristiandad, 2000, v. 1.
- DODD, C.H. *A interpretação do quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica, 2003.
- MAGGIONI, G. O Evangelho de João. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 249-497.
- FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. O Rosto da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.
- KÖSTER, H. *splágnon; splágnízomai*. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965, v. 12, col. 903-929.
- LAGRANGE, M. *Evangile Selon Saint Jean*. Paris: Librairie Lecoffre, 1947.

MATEOS, J.; BARRETO, J. *O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. São Paulo: Paulus, 1999.

METZGER, Bruce M. *Un comentario textual al nuevo testamento grego*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

NESTLE ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PANIMOLLE, S.A. *L'evangelista Giovanni*. Pensiero e opera letteraria del quarto evangelista. Borla: Roma, 1985.

Wilson José da Silva
Rua São Francisco, 1575 – São Francisco
Caixa postal 22
69800-000 Humaitá, AM